A CONTRIBUIÇÃO DA ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO SISTEMA BRAILLE

Jeovani Lima de Oliveira[1]

INTRODUÇÃO

O indivíduo com deficiência visual tem seu desenvolvimento aproximado do indivíduo que não tem deficiência, no entanto, para que as diferenças existentes entre ambos sejam sanadas, é necessário que a pessoa cega seja estimulada devidamente, desde criança, logo após o diagnóstico da deficiência visual. Segundo Alves (2007, p. 22), "o que acontece nos primeiros anos de vida de uma criança é muito importante para as suas construções e sua trajetória, são marcas fundantes que repercutem ao longo de sua história". Concomitante a essa estimulação, pois, deve-se instaurar o seu processo de orientação no espaço.

Dessa forma, a prática educacional da orientação e mobilidade (OM), como modalidade de atendimento à pessoa com deficiência visual, tem o papel fundamental de propiciar a aquisição de habilidades motoras, além da função transformadora de favorecer a conquista da autonomia e independência. O ensino da OM contribui, pois, para a aprendizagem de habilidades psicomotoras que acompanham esse indivíduo durante todas as fases do seu desenvolvimento.

O presente texto, portanto, teve tem o objetivo de explanar sobre a importância da OM no processo de aprendizagem do Sistema Braille da pessoa com deficiência visual, especialmente elencando as habilidades necessárias a esse aprendizado, bem como sobre os benefícios da OM para o desenvolvimento da pessoa com deficiência visual. Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados basearam-se na análise da literatura

[1] Especialista em Orientação e Mobilidade da Pessoa com Deficiência Visual, Faculdade Alpha (ALPHA) – Recife-PE. E-mail: jeovani_oliveira@hotmail.com.

sobre a OM, o Sistema Braille e os aspectos que envolvem a deficiência visual, a fim de compor uma reflexão qualitativa, de natureza bibliográfica.

A DEFICIÊNCIA VISUAL E O SISTEMA BRAILLE: ASPECTOS SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM A OM

A deficiência visual é definida pela ausência total ou parcial da visão ocular. Para fins de diagnóstico, são utilizadas algumas avaliações como acuidade visual, campo visual, biomicroscopia, medida de pressão intraocular e exame de fundo de olho. Seguindo orientação da Organização Mundial de Saúde - OMS, desde 1980 utiliza-se a medida da acuidade visual e do campo periférico para a classificação das deficiências visuais.

Dessa forma, a cegueira é caracterizada quando a acuidade visual é 20/200 ou menor no melhor dos olhos ou, ainda, quando o campo visual apresenta ângulo com arco menor de 20 graus, conforme nos indica Conde (2005). Já a pessoa com visão subnormal-baixa visão - apresenta acuidade visual entre 6/60 e 18/60, sendo essas aferições constituídas de dois números fracionados. O primeiro é correspondente a distância entre o quadro e o indivíduo, já o outro corresponde a uma série das menores letras que o indivíduo consegue ler. Quanto ao campo visual referente à baixa visão, seu ângulo está entre 20 e 50 graus.

Oliva (2000) defende o uso do Braille como sendo o meio natural de leitura e escrita das pessoas cegas e um instrumento na construção de sua independência e empoderamento. Trata-se, pois, de um sistema de pontos em alto-relevo utilizado na educação de pessoas com algum tipo de deficiência visual, sendo usado no mundo inteiro.

No formato retangular e possuindo 6 pontos, a cela Braille, produzirá toda a simbologia Braille. Ela é formada por duas colunas com três pontos cada. As combinações destes pontos formam 63 sinais básicos que representam as letras, os números e outros símbolos, como os de pontuação e notas musicais (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007). A leitura do Braille é feita com

o dedo indicador, percorrendo os pontos, da esquerda para a direita. Já a escrita pode ser desempenhada por meio de reglete e punção, máquina de escrever Braille e impressora Braille. Na cela Braille, a coluna da esquerda possui os pontos 1, 2 e 3, e a da direita os pontos 4, 5 e 6. Na escrita com a reglete, a cela é invertida para produzir os pontos em relevo na ordem da leitura. (MOSQUERA, 2010).

Para a criança com deficiência visual, as atividades motoras são responsáveis pelo desenvolvimento das habilidades físicas. Qualidade tônica (rigidez ou relaxamento muscular), agilidade, equilíbrio e lateralidade são algumas das que contribuem de forma significativa para a aprendizagem do Sistema Braille. Além do Braille, a modalidade OM também demanda a aprendizagem de algumas habilidades motoras.

O PAPEL EMANCIPATÓRIO DA OM NA VIDA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A orientação apresenta-se como a capacidade de o indivíduo compreender e entender o meio em que está inserido e sua posição espacial, fazendo uso dos sentidos remanescentes einteragindo corporalmente e espacialmente com esse entorno.

Segundo Bueno (2001), a OM é fundamental na vida de uma pessoa com visão deficiente, porém as instruções básicas dessas técnicas devem abranger orientação corporal, desenvolvimento sensorial e conceitual, postura, equilíbrio, domínio e aquisição de habilidades específicas como utilizar bem o guia vidente, seguir linhas guias, relacionar-se com pontos de referência, dentre outros.

As habilidades ou capacidades motoras estão relacionadas com o desenvolvimento motor do indivíduo e ligadas diretamente ao movimento. Faz parte da construção dessas habilidades o ato de aprender e de efetivar o movimento. Sendo assim, são necessárias para o processo de ensino-aprendizagem da orientação e mobilidade algumas dessas capacidades

motoras. Correr, pular, girar, arremessar, lançar, saltar, agarrar, entre outras, são habilidades fundamentais na aprendizagem e execução das técnicas de OM.

Vale ressaltar que o equilíbrio, a tonicidade, a orientação espacial, a noção de direita e esquerda, além dos conceitos ambientais, são estruturas fundamentais para o bom desempenho do aluno de OM. Com isso, a OM contribui para o empoderamento do indivíduo cego, bem como para a sua inclusão nos diferentes contextos da sociedade.

Considerando que o desenvolvimento é um processo dinâmico de interação com o meio, no qual o amadurecimento das estruturas sensório-motorasocorre através de contínua troca entre estímulos e respostas (RODRIGUES, 2002), faz-se necessária a estimulação nos diferentes contextos: familiar, social e educacional. As principais habilidades motoras que precisam ser desenvolvidas, desde a infância, são: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial, organização temporal e lateralidade.

Incluída nesse contexto, a alfabetização através do Braille também se beneficia da OM e apresenta-se como atividade imprescindível na formação educacional das pessoas cegas ou com baixa visão, como vimos, colaborando para emancipação desses indivíduos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES

Entendemos fazer-se necessário que o indivíduo com deficiência visual se aproprie das técnicas de OM, por elas serem responsáveis diretas pela sua autonomia e independência, portanto, essenciais ao desenvolvimento das suas habilidades físicas e percepções. Essas habilidades possibilitam minimizar as dificuldades e atrasos desenvolvidos em decorrência da ausência ou perda parcial da visão.

Considerando a aprendizagem do Sistema Braille, as habilidades necessárias para o bom desempenho na leitura e escrita referem-se,

especialmente, ao desenvolvimento do equilíbrio, da tonicidade, da noção de direita e esquerda, da dissociação de movimentos, da lateralidade, da organização espaço-temporal, como também da preensão, necessária ao manejo do punção.

Sendo assim, verificamos que a OM está diretamente relacionada a essa aprendizagem, pois a tonicidade, o equilíbrio, a dissociação de movimentos, a lateralidade, a noção de direita e esquerda, a organização espaço-temporal, além da preensão também fazem parte de seu escopo.

As contribuições que a OM trazem para vida do indivíduo com deficiência visual e para o seu aprendizado do Braille são inúmeras, portanto, e estão ligadas diretamente ao desenvolvimento e à autonomia desse sujeito. Assim, esperamos que este texto possa contribuir com o trabalho de professores e de estudantes com deficiência visual, além de ser mais uma fonte bibliográfica e de incentivo para a realização de novos aprofundamentos e pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. **A estimulação precoce e a sua importância na educação infantil**: detecção de sinais de risco psíquico para o desenvolvimento. 2007.100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BUENO, G. A. Orientação e Mobilidade do curso de especialização (lato-sensu) da UNICID – Universidade Cidade de São Paulo. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 20, p. 1-9, 2001.

CARDY, P. **Braille**. Disponível em: http://www.profcardy.com/cardicas/braille/. Acesso em: 20 maio 2020.

CONDE, A. J. M. **Definindo a cegueira e a deficiência visual**. Rigor, Notícias de Mercado, 22 set. 2005. Disponível em: http://www.laboratoriorigor.com.br/ler_ noticia,4.html. Acesso em: 20 out. 2020.

MACHADO, E. V. et al. (org.). **Orientação e Mobilidade**: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual. Brasília, DF: MEC, 2003.

MOSQUERA, C. F. F. **Deficiência visual na escola inclusiva**. Curitiba: Ibpex, 2010.

RODRIGUES, M. R. C. Estimulação precoce: A contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita nos dois primeiros anos de vida. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 21, p. 15-16, 2002.

OLIVA, F. P. **Do Braille à Braillologia necessidade de formação braillológia**. 2000. Disponível em: https://www.lerparaver.com/braille_braillologia.html. Acesso em: 15 jun. 2019.

SÁ, E.; CAMPOS, I.; SILVA, M. **Atendimento Educacional Especializado**: deficiência visual. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf. Acesso em: 09 jun. 2019.